



A carta de Caminha

José de Paula Ramos Jr.

A carta de Pero Vaz de Caminha, introdução, notas e estabelecimento de texto de Marcelo MÓdolo e Maria de Fátima Nunes Madeira, São Paulo, Ateliê Editorial, 2023, 120 p.

Nove de março de 1500. Comandada por Pedro Álvares Cabral, uma esquadra formada por três caravelas e dez naus menores parte de Lisboa com destino à Índia. Em vez de navegar rente à costa africana, a esquadra dela se desvia ao alto-mar rumo ao Ocidente. Em 22 de abril foi avistada terra, nomeada Monte Pascoal, pois era época da Páscoa católica. Mas ao aproximarem-se da terra firme, verificaram que não era um simples monte, mas uma extensão enorme, mais tarde denominada Terra de Santa Cruz, antes de ser designada Brasil.

Os navegantes permaneceram no sul da Bahia por cerca de dez dias. Em 2 de maio a esquadra levanta âncoras e parte em demanda da Índia, que era o seu primeiro propósito. Cabral ordena que uma nau regressasse a Portugal, levando a notícia do descobrimento na Carta ao rei

Dom Manuel, escrita por Pero Vaz de Caminha e datada de 1º de maio de 1500.

A Carta de Caminha, denominada “certidão de nascimento do Brasil”, registra o espanto perante a natureza exuberante e a estranheza perante os autóctones. Os belos e hígidos corpos e feições dos indígenas contrastavam com o aspecto dos portugueses, vestidos em pesadas roupas usadas e sujas, além de, provavelmente, exalarem um odor desagradável, pela ausência de banho. Tudo era inusitado aos olhos do europeu devoto católico, que observa a nudez de homens e mulheres sem que houvesse vergonha entre eles, mas inocência. Isso o leva a sugerir ao rei Dom Manuel que a ação mais importante na colonização da terra seria a catequese e conversão do gentio ao cristianismo católico. Mas não somente, o escrivão também sugere que a

JOSÉ DE PAULA RAMOS JR. é professor aposentado do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP e autor de *Leituras de Macunaíma: 1928-1936* (Edusp/Fapesp).

terra poderia ser fonte de cultura agrícola abundante, embora não houvesse mais que indícios de que ouro e prata pudessem lá ser encontrados.

Os indígenas não foram belicosos, ao contrário, interagiram com os portugueses e chegaram a dançar com eles. Por ocasião das duas missas celebradas pelo frei Henrique Soares, os indígenas imitaram os movimentos dos navegantes, que ora se ajoelhavam, ora postavam-se em pé. Evidentemente, sem saberem os significados dessas atitudes.

Caminha pôde se expressar de acordo com sua cultura historicamente configurada, proporcionando, segundo essa perspectiva, uma visão dos primeiros contatos entre portugueses e selvícolas. A visão

dos indígenas perante o “outro”, porém, só pode ser imaginada.

A edição da Carta na Coleção Clássicos Ateliê comenta com minúcia as observações de Caminha e se caracteriza sobretudo por uma abordagem do texto original de caráter filológico, com a transcrição diplomático-interpretativa e a transcrição modernizada e anotada, trabalho realizado com exclusividade para a Ateliê Editorial pelo professor Marcelo Módolo, da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, com a colaboração de Maria de Fátima Nunes Madeira.

Os estudantes do ensino médio e das faculdades de Letras, bem como a crítica literária, terão acesso a um texto fidedigno e esclarecedor.